

Os resumos dos trabalhos que apresentamos nessa seção da Revista do NEAB-ND são resultado da proposta de avaliação do *I Curso Estudos Afro-Brasileiros e Socioeducação* organizado pela equipe do NEAB-ND, em outubro de 2015. A proposta consistia em provocar uma reflexão sobre a linguagem veiculada nas mídias promotoras de cultura e, de certa forma, como a mudança ou os cuidados com outra linguagem poderiam ser um veículo complementar na luta contra o racismo.

Além das dificuldades de verem a sua história e cultura nos currículos escolares, a população negra é retratada de forma estereotipada em filmes, novelas, histórias em quadrinhos, etc. Isso quando não estão ausentes... A partir dessa reflexão inicial, a turma foi dividida em grupos. Cada grupo escolheu uma dessas mídias para serem analisadas. Os trabalhos foram apresentados no último dia do curso como requisito para a certificação.

Outra idéia é a de que fortalecer o NEAB-ND é estender para as unidades ações que estimulem a reflexão sobre as africanidades. Dessa forma, os trabalhos podem ser apresentados na forma de oficinas com adolescentes e funcionários nos CENSES.

Então, vamos aos trabalhos!



Fonte: Acervo Novo DEGASE

## O yoga e o combate às diferenças

Por Carlos Maurício Tavares Pires de Almeida, Elaine Gomes de Moura Mariluce Teixeira Moreira e Sandra Antunes Corrêa

Vivemos em uma sociedade em que as características europeias são bem vistas e se cultuam os traços fenotípicos brancos. Quem está fora desse padrão é estigmatizado. Os africanos vieram sequestrados para o Brasil. Homens livres em sua terra, escravizados, inferiorizados e sem alma do outro lado do Atlântico. A educação deve ser reconhecida como a instância para desenvolver, reforçar e ampliar as ações de diversos setores da sociedade comprometidos com a inclusão social. Cabe aos governos e à sociedade a promoção de políticas públicas de combate ao racismo, à discriminação social que sejam efetivamente afirmativas de e garantam a educação para todos. O yoga, uma prática cujo significado é união, visa à integração do ser humano com o cosmos, o mundo, a natureza, respeitando todas as formas de vida. Não há separação, nem hierarquização entre as formas de vida. Os animais, as flores, as árvores, os rios e mares, o ar que respiramos, o sol, a lua, as estrelas e todo o universo são parte de nós mesmos e do criador. Para os yogues tudo está dentro de nós, não há separação entre o homem, a natureza e Deus, e, por sua vez, Deus está em toda a parte. A oficina *Yoga e o combate às diferenças, preconceitos e racismos dentro do Sistema Socioeducativo* busca reconectar as adolescentes que cumprem Medida Socioeducativas de Internação e de Internação Provisória, no CENSE/PACGC, a si. Entendemos que as adolescentes trazem um olhar de desvalorização de si mesmas e da vida. Tal olhar, empiricamente, indica ser devido à realidade em que cresceram. As consequências dessa desvalorização aparecem em sintomas como a dificuldade de concentração e a baixa autoestima, entre outras. Pretendemos utilizar na oficina os eixos principais do yoga, a meditação e as técnicas de respiração, conhecidas como pranayamas, visando o relaxamento, o autocontrole e a concentração. Os estímulos às posturas, denominados à sana, encaminharão para o autoconhecimento e autoestima. A partir das práticas do yoga, o objetivo principal se coloca: refletir sobre o racismo, sobre as formas cotidianas para a sua superação e valorizar a História e Cultura afro-brasileiras.

## Cinema e socioeducação nas relações etnicorraciais: Pensando uma oficina

Carlos Pedro da S. Neto, Davi Gomes Depret, Gabriela Lopes de O. Gomes, Helenivaldo de Souza Alves, Luciana Azevedo do Espírito Santo, Luiz Carlos Marques Fernandes, Marcio Capeleiro da Silva, Olivia Vieira de Araujo, Raquel de Souza Oteri e Sara Helena Silva Amaral

Escolhemos o cinema como mobilizador das discussões sobre Socioeducação e relações etnicorraciais. Entendemos que a linguagem audiovisual possibilita uma comunicação direta com os adolescentes, público alvo de nossa oficina de relações étnicorraciais. Optamos começar por *Escritores da Liberdade*, filme feito dentro de uma linguagem e códigos de uma realidade social muito próxima da juventude afrodescendente brasileira. Nossos adolescentes não moram no Bronx, nos guetos ou bairros destinados aos negros nos Estados Unidos, não estão no mesmo continente e não falam a mesma língua. Todavia, seus corpos têm as mesmas marcas e operam sobre uma linguagem comum que os povos africanos conhecem muito antes de seus novos idiomas: o racismo e a violência. Ao assistir a este filme, não há como não ver relações entre o racismo, o fenômeno de gangues entre os jovens americanos e os fenômenos de facções entre os adolescentes brasileiros. A linguagem vivencial e falada, diferentemente da linguagem escrita ou teórica, vai nos permitir, num primeiro momento, a mobilização mais rápida do adolescente para a discussão do nosso tema. A exclusão social que ainda atinge a maior parte da população afrodescendente no Brasil se verifica de modo mais intenso nas instituições de repressão do Estado. Por que mais de 80% dos adolescentes do Sistema Socioeducativo é constituído por afrodescendentes, se não é esta a proporção entre brancos e negros em nossa sociedade? No sistema penitenciário a proporção é menor, porém o contingente afrodescendente também é maioria significativa. As taxas de homicídio e de prisões sempre foram maiores e continuam aumentando na população negra. Em particular, nossa ênfase recai sobre as relações etnicorraciais que se instituíram no Brasil a partir da escravização dos povos africanos, porque o adolescente que queremos mobilizar é atravessado por essas relações. Afrodescendentes, em sua grande maioria. Queremos fornecer elementos que possibilitem ao adolescente em conflito com a lei o resgate de sua autoestima, encontrando-se com as suas raízes históricas, com a sua descendência e filiação etnicocultural. Desconstruir o instituído, de desvalorização e negatividades referentes à cultura africana, na tentativa colonizadora de embranquecimento, para a emergência do novo, de um instituinte que vá na direção contrária. Que os adolescentes cumprindo Medida Socioeducativa no Novo Degase possam “tornar-se” negros, sentir orgulho de sua história, de sua cultura, de si mesmos. Estes fatos possuem relações com o fenômeno do racismo? Existe relação do racismo com o fenômeno das facções? Como o poder público lida com o fenômeno das facções através de suas políticas de segurança, esportivas e educacionais? Podemos enfrentar este problema e desconstruir estas relações de violência entre adolescentes em suas comunidades e em nossas instituições, partindo das escolas públicas e das unidades socioeducativas? São essas as questões que pensamos em traduzir em uma oficina.

## Oficina de relações étnico-raciais

Elcidéa de Azevedo Rosa Ferreira, Janaina O. de Castro  
 Marco Antonio Lobato, Mirian Yaranda C. Santos  
 Paulo Henrique M. da Silva, Raquel S. Lima  
 Wagner José Leitão

O presente texto é parte da avaliação do curso *Estudos Afro-Brasileiros e Socioeducação* desenvolvido pelo NEAB- Novo DEGASE, dentro do processo de formação continuada dos servidores do Sistema Socioeducativo do estado do Rio de Janeiro. Nos dias de hoje, presenciamos narrativas discriminatórias e vexatórias relacionada aos afrodescendentes. Em muitos casos podemos destacar a maneira como se referem aos negros, geralmente de forma pejorativa e discriminatória. Em nosso entendimento, existem poucas discussões embasadas sobre a História da África e suas contribuições para a formação do Brasil. Pretendemos efetivar reflexões que colaborem para a desagregação desta ideologia que está posta e instituída desde o período colonial.

A questão em debate entendemos ser de grande relevância pedagógica, pois traz vários questionamentos sobre um assunto pouco discutido nos espaços educacionais formais, não formais e informais. Nossa intenção é contribuir para o fortalecimento da lei nº 10.639/2003 que marca historicamente e modifica a LDB 9694/1996 – Lei de diretrizes e bases da educação nacional - ao incluir no currículo das escolas da educação básica conteúdos sobre a História da África e da Cultura Afro-Brasileira. A proposta desenvolvida pelo grupo é criar uma *Oficina de relações étnicorraciais* a ser desenvolvida com os adolescentes cumprindo Medida Socioeducativa nas unidades do Novo DEGASE, contando com a participação da equipe de profissionais das respectivas unidades que atuarão na função de mediadores neste processo educativo e interativo, respeitando as diversas opiniões que forem surgindo durante o encontro. Como objetivo principal, proporemos discussões a respeito das questões étnicorraciais numa perspectiva da prática socioeducativa. Conseqüentemente, abordaremos temas pertinentes ao cotidiano dessa população. Violência, drogas, facções criminosas serão entrecruzadas no processo educativo e de formação e orientação profissional, através de produtos audiovisuais veiculados no cinema e na televisão.

## O racismo nas artes: Memórias e vivências sobre histórias em quadrinhos, televisão, cinema e teatro.

Antonio Aloisio Brochado, José Ricardo Gonçalves  
 Manoel de Sá P. Barros, Marcos dos S. Moraes  
 Mauro José dos Santos Costa

Este texto, desenvolvido de maneira colaborativa a partir de uma roda de conversa, é o trabalho de conclusão do curso *Estudos Afro-Brasileiros e Socioeducação*, realizado pelo NEAB-ND – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – Novo DEGASE, Departamento Geral de Ações Socioeducativas, órgão responsável pelo cumprimento das Medidas Socioeducativas no Estado do Rio de Janeiro. O curso foi realizado durante os meses de outubro e novembro de 2015 na Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire. Após os encontros realizados no curso *Estudos Afro-brasileiros e Socioeducação* percebemos que o preconceito assim como o racismo encontram-se presentes em diversas áreas da sociedade atual. Decidimos, então, fazer uma busca da presença do racismo e do preconceito racial nas artes de grande alcance de público. Escolhemos as histórias em quadrinhos, o cinema, a televisão e o teatro. Trazendo a memória para o centro da análise, resgatamos em nossas lembranças personagens de formas artísticas diferenciadas para tratar do tema do curso. Fizemos a reflexão a partir das nossas trocas, em diálogo, pois tal foi a proposta do curso e as transformamos em texto. Não há intenção em aprofundar tais questões e a estrutura da narrativa se fez como um jorro de nossas memórias e de nossas vivências. Nos nossos diálogos, formatados nesse texto, constatamos que o negro, nas diversas formas artísticas apresentadas, na maior parte das vezes, é tratado como subalterno e suas qualidades são invisibilizadas. Cabe a todos nós cobrar a elaboração e a aplicação de ações afirmativas que visem oferecer igualdade de oportunidades, bem como combate ao preconceito e ao racismo. As ações afirmativas devem visar à equidade da população negra na sociedade, garantindo-lhe acesso e oportunidades iguais às que tem a população branca.

# Relacionamentos inter-Raciais: Adivinha quem chegou para o jantar

Damião José Antunes, Rogério da Silva Ramos

Apesar de estarmos no século XXI e vivermos em um país miscigenado, onde várias raças se misturam, o preconceito e a discriminação racial ainda persistem, principalmente quando se trata de relacionamentos entre pessoas de “raças diferentes”. Hoje em dia, não é muito difícil encontramos casais formados por afrodescendentes e pessoas tidas como “brancas”. Pretendemos abordar o modo como eram os relacionamentos inter-raciais no século XX e como são agora, no século XXI. Partiremos da análise do filme *Adivinha quem vem para jantar*, cujo lançamento se deu nos anos sessenta do século XX, e uma história de vida, um relato feito por um integrante do grupo durante o curso de relações étnico-raciais e socioeducação realizado pelo NEAB-ND (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do Novo Degase). A partir das interpretações do filme e do relato, analisaremos as mudanças ocorridas em relacionamentos inter-raciais. No filme *Adivinha quem vem para o jantar*, acontece o relacionamento entre um homem “negro” de 37 anos (John Prentice) e uma jovem “branca” (Joey Drayton) de apenas 23 anos, personagens interpretados pelos atores Sidney Poitier e Katharine Houghton. Na história, o casal se apaixona e decide se casar. Há um porém, as famílias se colocam contra o matrimônio. Para resolver o conflito, as famílias se reúnem e discutem seus níveis de intolerância. A história é bem atual, pois cotidianamente encontramos homens e mulheres negras sendo vítimas de preconceito e discriminação pelo simples fato de postarem suas fotos com seus namorados e namoradas nas redes sociais. Estamos em pleno século XXI, mas o preconceito e a discriminação ainda existem. No relato de uma história de vida, uma jovem, cujo nome fictício é Rita, trabalha como administradora de empresa, mas não se esquece do relacionamento que teve com um rapaz negro que, segundo ela, era dono do melhor beijo na boca da sua vida. A família da moça interveio de maneira discriminatória até que o relacionamento terminasse. Concluimos que o preconceito é algo nojento e asqueroso. Para terminar esse trabalho, parafraseamos o rapper Gabriel, o Pensador, em *Lavagem Cerebral*: “o preconceito é uma coisa sem sentido; O que importa se ele é nordestino e você não? O que importa se ele é negro e você, branco? Alias branco no Brasil é difícil, porquê no Brasil todos somos mestiços, A raiz do meu país era multirracial/ tinha índio, branco e amarelo, preto/ nascemos da mistura, então por que o preconceito? Uns com a pele claro outros mais escura / mas todos viemos da mesma mistura”.

# A identidade negra através da estética

Ingrid Souza, Maria da Conceição Santos  
Mara Helena Forny Mattos Filha  
Roseli Maria Araújo, Sabrina Costa

A proposta do texto é trabalhar o tema identidade afro a partir da estética tendo como objetivo principal: criar uma oficina de artesanato, como forma de estímulo à valorização da estética africana. Para o seu cumprimento, objetiva-se, especificamente: dissertar sucintamente sobre a identidade afro, apresentar a história da Abayomi, como um dos símbolos da identidade e estética africana e descrever as etapas e os materiais da oficina de artesanato. A razão para a escolha da Abayomi para a oficina de artesanato deve-se ao fato de referir - se ao nome de uma boneca negra, criada para crianças, jovens e adultos, no período de escravidão, feita com retalhos de panos artesanais. Quando os negros vieram da África para o Brasil como escravos, atravessaram o Oceano Atlântico numa viagem muito difícil. As crianças choravam assustadas, porque viam a dor e o desespero dos adultos. As mães negras, então, para acalantar suas crianças, rasgavam tiras de pano de suas saias e faziam bonecas com elas para as crianças brincarem. Essas bonecas são chamadas de Abayomi. As Abayomis são pequenas bonecas pretas, feitas de pano e sem costura alguma, apenas com nós ou tranças. As bonecas não possuem demarcação de olho, nariz nem boca, isso para favorecer o reconhecimento das múltiplas etnias africanas. A boneca Abayomi valoriza a cultura africana e contribui para o reconhecimento da Cultura Afro-Brasileira, pois faz parte da herança cultural dos negros africanos para o Brasil. Como parte da cultura negra, acredita-se que a aplicação desta oficina poderá contribuir não só para o compartilhamento de informação da cultura afro, mas também serve para ressaltar o símbolo da beleza negra, como uma das diversas formas de preservar a identidade do povo africano. Os materiais utilizados para redação deste trabalho foram artigos e textos selecionados: “A estética e o mercado produtor” de Ladi Reis Coutinho; “Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo” de Nilma Lino Gomes de 2003. Quanto à linguagem adotada para construção da oficina, optou-se pela literatura e sobre a identidade afro e a história da Abayomi e a criação da oficina.